

Saneamento básico avança menos de 1%

(Não Assinado)

Não investir em saneamento sai caro para o poder público. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, para cada R\$ 1 aplicado em redes de tratamento de água e esgoto, o País economiza R\$ 4 no orçamento da saúde. A estimativa tem como base os custos, por exemplo, com as 700 mil internações que ocorrem por ano no Brasil, em consequência da falta ou má qualidade do sistema de saneamento, segundo o Sistema de Informações Hospitalares.

Esses números, no entanto, parecem não alavancar investimentos no setor. Levantamento inédito realizado pela Fundação Getúlio Vargas e a organização não-governamental (ONG) Trata Brasil mostra que o esgotamento sanitário é o serviço público de pior qualidade ofertado aos brasileiros.

O coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Néri, disse que o esgoto é o serviço que tem a menor taxa de acesso, menor crescimento de acesso e a pior qualidade percebida entre coleta de lixo, luz e serviço geral de água.

De acordo com o estudo, o esgotamento sanitário evoluiu pouco no Brasil. Nos últimos 14 anos, o acesso a esse serviço passou de 36% para 47%. "Está crescendo menos de 1% ao ano nos últimos anos, no entanto, o acesso a computador aumenta quatro pontos percentuais ao ano", compara Néri.

As projeções da FGV são de que o déficit de saneamento vai cair à metade em 56 anos, se o Brasil continuar avançando no mesmo ritmo dos últimos 14 anos. Desse modo, metade dos 47% que hoje não têm acesso a saneamento, ou seja, 26% dos brasileiros, só atingiriam essa situação em 56 anos.

Na avaliação do professor da FGV, o principal desafio do governo é o esgoto das estatísticas sociais. Ele considera um desafio difícil, não só pelo fato de que o esgoto passa por debaixo da terra, mas principalmente porque as principais vítimas são crianças, "que é o pessoal que não vota".

O pesquisador afirmou que resolver o problema do saneamento básico é um dever de casa importante e urgente que o governo precisa fazer. E não só o governo federal, mas também o estadual e municipal, principalmente esses últimos, aos quais cabe a implementação dos programas, que têm responsabilidade nessa área.

Ele lembrou que no próximo ano serão realizadas no Brasil eleições municipais, o que constitui "um momento especial para se mexer nessa questão". Nesse sentido, ele analisou que a disponibilização de informações sobre cada município pode, de alguma forma, mobilizar as populações.

Para o especialista em estudos sociais da FGV, a prioridade dada ao esgotamento sanitário dentro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal é um sinalizador positivo. O PAC está disponibilizando mais de R\$ 10 bilhões para o setor.

Ele salientou a necessidade de que haja menos burocracia, para que os prefeitos possam acessar esses recursos. "Os recursos são uma condição necessária. Mas isso não é suficiente porque, muitas vezes, os prefeitos não conseguem acessar os recursos por razões burocráticas. Não basta ter recursos orçados", advertiu.

Mortes

A falta de saneamento básico afeta de forma direta a mortalidade na faixa etária de um a seis anos. É o que mostra o levantamento da FGV e da ONG Trata Brasil. "A chance de uma criança de um a seis anos morrer pelo fato de que não dispõe de esgoto tratado é 32% maior do que uma criança que tem esgoto", disse Marcelo Néri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV.

Néri afirmou que há correlação entre a falta de esgoto e a mortalidade na infância. Os Estados que apresentam os mais altos índices de mortalidade na infância são Sergipe e Ceará. A pesquisa revela que 2,2% do total de filhos caçulas de um a seis anos morreram nos últimos cinco anos em Sergipe e 1,87% no Ceará, no mesmo período. A média nacional é de 0,96%, de acordo com dados de 2006.